



Criação, revelação e salvação: Uma leitura da identidade cristã a partir da teologia de Andrés Torres Queiruga

Creation, revelation and salvation: A reading of christian identity from the theology of Andrés Torres Queiruga

Roberlei Panasiewicz*

Resumo: Homenagear Afonso L. M. Soares por suas contribuições à Área de Teologia e Ciências da Religião é percorrer algumas de suas trilhas. Neste sentido, este artigo pretende sistematizar algumas das intuições de Andrés Torres Queiruga que tanto o inspiraram. Há temas que a teologia cristã considera tratados, e que sempre estarão presentes nas reflexões teológicas, pois as embasam. Entretanto, a contemporaneidade estimula releituras possibilitando atualização e novas significações. Esta reflexão, a partir da pesquisa bibliográfica, tem por objetivo perpassar os temas da criação, revelação e da salvação procurando mostrar como são reinterpretados pela ótica de Andrés Torres Queiruga. O estímulo ao diálogo inter-religioso visa fortalecer as identidades específicas e a construção de projetos que eduquem para o respeito à diferença, à liberdade e à justiça equitativa.

Palavras-chave: Andrés Torres Queiruga, criação, revelação, salvação, diálogo inter-religioso.

Abstract: To honor Alfonso L. M. Smith for his contributions to the area of Theology and Religious Studies is appropriate to follow some of his trails. For this purpose, this article aims to systematize some of those insights that have strongly inspired Andrés Torres Queiruga. There are issues considered by Christian theology as treaties, and they will always be present in theological thought since they underlie such reflection. However, the contemporary world encourages reinterpretations, allowing some updates and new meanings. This reflection, on the basis of bibliographical research, aims to pervade the themes of creation, revelation and salvation, trying to show how they are reinterpreted by the point of view of Andrés Torres Queiruga. The promotion of interreligious dialogue aims to strengthen the specific identities and build projects that should educate individuals to ensure respect for differences, for freedom and equal justice.

Keywords: Andrés Torres Queiruga, creation, revelation, salvation, interreligious dialogue.

* Roberlei Panasiewicz é mestre e doutor em Ciências da Religião pela UFJF. É coordenador e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Contato: roberlei@pucminas.br

Introdução

Fazer homenagem a um pesquisador é fazer referência aos autores que o marcaram e ajudaram-no a orientar e a estimular suas reflexões. Andrés Torres Queiruga foi um autor que contribuiu, de maneira especial, com as intuições e pesquisas desenvolvidas por Afonso Maria Ligorio Soares. Ao homenageá-lo por sua contribuição à Área de Teologia e Ciências da Religião¹ e por tornar mais conhecido o pensamento de Andrés Torres Queiruga no Brasil, pois traduziu e prefaciou o livro *A revelação de Deus na realização humana*, e depois revisou e publicou sua nova versão *Repensar a revelação: a realização na realização humana*, ambos publicados pela Editora Paulinas. Participou ainda como convidado da homenagem feita a Andrés Torres Queiruga em 2010, na Espanha.²

Afonso M. L. Soares teve sua vida acadêmica marcada por procurar dar respostas às inquietações provocadas pela modernidade à fé cristã, e por isso, sua aproximação aos escritos e da pessoa de Andrés Torres Queiruga.³ Neste sentido, este texto pretende trazer à tona as linhas condutoras do pensamento de Queiruga e como sua reflexão demarca a identidade cristã em perspectiva de abertura e de diálogo com a cultura e com as religiões na contemporaneidade. Com isto, acreditamos apontar molas impulsionadoras das reflexões de Afonso Soares.

Pensar a identidade cristã na atualidade é ter sempre em vista as dimensões *idem* (fixa) e *ipse* (em construção) que as caracterizam. Significa ter clareza dos pontos que demarcam e indicam sua especificidade e a distingue das demais. Especificidade que deve ser lida a todo o momento, a partir do contexto histórico em que se situa, para continuar sendo atual. Esta dinâmica da identidade *fixa* e da identidade *em construção* aplicada à religião cristã testemunha sua novidade para as demais religiões e para as culturas, pois estimula que a identidade seja sempre lida em processo hermenêutico. Este desafio está posto a toda reflexão teológica

¹ Afonso Maria Ligorio Soares foi professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC SP.

² “Creio não exagerar se afirmo que hoje em dia a teologia de Torres Queiruga já dispense apresentações em nossos centros universitários latino-americanos, principalmente nos cursos de teologia. Desde a primeira vez que traduzi e prefaciei a edição brasileira de um de seus livros, sua obra vem sendo paulatina e sistematicamente publicada e estudada entre nós”. Cf. A. M. L. SOARES, *O diálogo inter-religioso: a contribuição de Torres Queiruga*, p. 158.

³ Afonso Soares se inspira e também apresenta críticas a algumas demarcações teológicas de Andrés Torres Queiruga. Ver: A. M. L. SOARES, *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*, p. 115-119. Em suas palavras: “O que posso dizer, afinal, é que a teologia de Torres Queiruga tem sido para mim, ao longo de meu próprio percurso teológico-espiritual uma interlocutora que me provoca sinapses de autocrítica unida a uma sabedoria prática que quer acolher e dialogar com o próximo”. Cf. A. M. L. SOARES, *O diálogo inter-religioso: a contribuição de Torres Queiruga*, p. 167.

que pretende ser atual e deseja dar respostas concretas aos homens e as mulheres da contemporaneidade.

Temáticas que envolvem a criação, a revelação e a salvação do cosmos e do ser humano, perpassam a reflexão teológica das religiões. No âmbito da tradição cristã, vários teólogos procuraram trabalhar, por meio de pressupostos e paradigmas diferenciados, tal conteúdo. O tema da revelação de Deus ocupa a centralidade deste debate e está implicitamente articulado com o tema da criação e da salvação, pois são Tratados que buscam responder ao cerne das questões existenciais e teológicas que acompanham a vida humana. Esta reflexão, norteadada pela pesquisa bibliográfica, trabalhará estas temáticas a partir do pensamento de Andrés Torres Queiruga. Como este teólogo pensa estas temáticas e como as relaciona? Qual contribuição ele traz para a teologia cristã, para a cultura contemporânea e para o diálogo inter-religioso? Esta reflexão terá a seguinte sequência: Deus e a criação; a revelação na história humana; a presença inquietante do mal; a salvação como epifania do amor e os desafios do diálogo inter-religioso.

1. Deus e a criação

Escritos e reflexões desenvolvidos por Andrés Torres Queiruga sinalizam que o ponto de partida de suas intuições perpassa a compreensão de Deus como “puro Amor sempre em ato”.⁴ Ela norteia toda sua reflexão, pois ele se propõe a *levar a sério* esta afirmação e tirar dela todas as consequências para a teologia cristã. A noção de criação atravessa a vida humana, estando ou não o ser humano consciente disso. Deparar com o amanhecer ou com o por do sol, por um lado, ou com o nascer de uma criança ou com a morte, por outro, apresenta de imediato o tema da criação. Essas experiências impulsionam outras intuições, pois “[...] não é difícil perceber que a ideia de criação tem sua raiz na experiência do caráter contingente do mundo”.⁵ Experiências de admiração ante o cosmos ou ante as possibilidades que se apresentam, e de limitação ante a finitude humana, expõe o tema e o sentido da criação. Essas aparentes contradições expõem o problema de Deus que se torna “descoberto justamente *enquanto sendo como não é o mundo*: o necessário diante do contingente, o absoluto diante do relativo, o infinito diante do finito”.⁶ A infinita diferença entre Deus e a criação possibilita que aconteça profunda unidade. O mundo finito está exposto às competições ou ajustes pragmáticos, pois para um ganhar o outro tem que perder; para um ficar

⁴ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a revelação*: a revelação divina na realização humana, p. 445.

⁵ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora, p. 40.

⁶ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora, p. 43.

o outro tem que sair. O mundo divino é diferente, pois, enquanto *Amor em ato* impulsiona para que as coisas sejam. Não há competição, mas possibilidades. Esse caráter paradoxal é expresso no Primeiro Testamento em que Deus é apresentado como arbitrário, imprevisível e terrível. Como também como rochedo, fortaleza e libertador e estar longe d'Ele é viver na solidão, no abandono, na morte. O lado *tremendum* é captado pelo lado *fascinans* deste Deus *sempre presente*. Como pensá-lo a partir deste caráter paradoxal? Ele pode ser afetado com o que ocorre com o cosmo e com suas criaturas?

O debate filosófico e teológico em torno desta temática é longo. Duas interpretações parecem dar conta das grandes intuições. A primeira, que atravessa boa parte das discussões, afirma que a criação não afeta Deus. Enquanto Ser completo por si, Ele não necessita da criação para Ser. Enquanto infinito e transcendente, a criação não Lhe acrescenta nada; Ele é sempre o mesmo. Sua ação não é movida por falta e nem por necessidade, mas por dom e por superabundância. A criação é definida e sustentada pela relação ao seu Princípio Criador. O movimento e a necessidade em Deus são compreendidos como imperfeições. Deus 'é' e a criação necessita d'Ele para ser.⁷ Esta linha de pensamento resguarda o ser de Deus e a gratuidade da criação.

A segunda interpretação questiona esta maneira de compreender a criação. Vem, sobretudo, da Filosofia e da Teologia do Processo. Como é possível que Deus não seja afetado pela criação? Como compreender a revelação de Deus que perpassa as tradições religiosas, sobretudo as tradições monoteístas, sem a interação criador-criatura? Para a teologia processual, em Gênesis, “temos um Deus sensível que interage com o mundo chamando-o à existência, respondendo-lhe, e chamando-o à existência sempre de novo. É um Deus para o qual o próprio ato de criar é uma forma de aliança; é criação através de chamado e resposta”.⁸ Tanto em Gênesis quanto na crescente complexidade da criação, a resposta da criatura afeta o próximo chamado divino.

Gesché tem uma reflexão peculiar a esse respeito. Para ele, Deus é Deus e não tem necessidade de nada para ser, ele é completo. “Deus 'é' criador no sentido gramatical e lógico do verbo ser, porque efetivamente criou; mas ele *não* é criador no sentido ontológico do verbo 'ser' e no qual o termo criador receberia sua definição, sua natureza, seu ser”.⁹ Ser criador o qualifica, mas não é o que o constitui. Em seu *em-si*, Deus não é afetado pela criação. Entretanto, a gratuidade,

⁷ Para entender o percurso histórico da criação, ver: FERNANDEZ, I. Verbete: Criação. In: LACOSTE, J.-Y. Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

⁸ M. H. SUCHOCKI, Teologia do processo e evolução, p. 72.

⁹ A. GESCHÉ, *O cosmo*, p. 33.

a superabundância do dom não demonstra que Deus pode ser afetado? É nessa perspectiva que ele recebe o nome de Pai. Afirma que “Deus, como Causa, faz com que as coisas se façam como elas se fazem”.¹⁰ Deus impulsiona e potencializa as criaturas a se constituírem. O ato de criar provoca e convoca as criaturas ao devir e, especificamente, o ser humano a ser co-criador.¹¹

Queiruga, ao refletir sobre delicada temática, afirma que a questão basilar é a relação entre imanência e transcendência. A ação de Deus é transcendente, entretanto, para se tornar visível e efetiva somente se for através da ação imanente e mundana. São ações intrinsecamente ligadas. Na relação com a criatura, “Deus não faz alguma coisa *ao lado* delas, para completá-las, nem *em seu lugar*, para supri-las [...] a ação de Deus é *fazer com que elas façam*”.¹² No plano transcendental, Deus sustenta e possibilita a ação da criatura. No plano imanente, o agir da criatura realiza o agir de Deus. Assim, quanto mais faz Deus, mais fazem as criaturas e vice-versa. Há reforço mútuo na ação. Há co-realização e unidade total entre elas, mesmo acontecendo em planos diferentes. “A criação é uma relação constante de Deus com o mundo e com as criaturas e não um momento pontual, no qual Deus, qual relojoeiro, num acto pontual, pusesse o relógio em andamento.”¹³

Da articulação entre os planos transcendente e imanente emerge a liberdade humana. “Deus cria criadores”,¹⁴ isto significa que Deus sustenta a criação e impulsiona a liberdade humana de forma que ela se torna “*a porta para a novidade da intervenção divina no mundo*”.¹⁵ A ação de Deus no mundo ocorre através da liberdade humana e não contra ela. O ser humano constrói a si e o seu mundo sustentado por Deus e através de sua autonomia e das escolhas livres que realiza. Deus quer a máxima realização humana, por isso entrega o ser humano a si mesmo e promove a sua constante atividade. A ação de Deus no mundo é, portanto, ‘desde dentro’, desde a liberdade humana; por isso o estabelece co-criador.¹⁶ Está comprometido com o cuidado planetário. Em outras palavras, Deus não cria e

¹⁰ A. GESCHÉ, *O cosmo*, p. 62.

¹¹ Esta discussão articulada com a releitura do “sábado da criação” está em: PANASIEWICZ, R. Teologia da criação: uma leitura da relação entre criador e criaturas. In: OLIVEIRA, P. A. R.; SOUZA, J. C. A. *Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas/PUC Minas, 2009. A releitura da criação a partir do sétimo dia (e não a partir do sexto dia) permite perceber que Deus descansa diante das criaturas, santifica e abençoa toda a criação (não somente o ser humano). Entender que ser “imagem e semelhança” do criador é ser constituído como “co-criador” e não ser superior as demais criaturas.

¹² A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*, p. 127.

¹³ T. TOLDY, *O problema do mal: contraponto imaginário entre Andrés Torres Quieruga e Elie Wiesel*, p. 373.

¹⁴ BERGSON apud QUEIRUGA, *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*, p. 133.

¹⁵ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*, p. 135.

¹⁶ Cf A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*, p. 151.

entrega sua obra para o ser humano tomar conta e nem cria e supervisiona de tal forma que o ser humano se torna uma marionete em suas mãos. Ele cria e sustenta, a partir do plano transcendental, e age no mundo, *desde dentro*, através da ação livre e autônoma de suas criaturas. Enquanto Amor infinito, que sustenta tudo e todos, sabe da capacidade e da potencialidade de sua criatura e das possibilidades que o exercício da liberdade lhe confere. Entretanto, como o ser humano capta a revelação de Deus no plano imanente?

2. A revelação na história humana

Compreender que Deus como *puro amor em ato* está *sempre aí e pressionando* a consciência humana para ser percebido, possibilita e estimula nossos sentidos para ler “nas realidades criadas a presença fundante do Criador”.¹⁷ Essa perspectiva não anula a liberdade humana, mas a fortalece, pois o Amor divino é fonte de energia cósmica, da vida das criaturas e inaugurador da própria liberdade.

Queiruga apresenta o percurso que a compreensão da revelação de Deus teve no Primeiro e no Segundo Testamentos e na tradição teológica cristã. Mostra que o Concílio de Trento (1545-1563) traduz em conceito algo que estava subentendido e que servirá para deduções posteriores. Este Concílio diz que “[...] essa verdade e essa ordem estão contidas em livros escritos e tradições não escritas que, recebidas pelos Apóstolos da boca do próprio Cristo ou transmitidas como que de mão em mão pelos Apóstolos, sob o ditado do Espírito Santo, chegaram até nós [...]”¹⁸ Concepção que evidencia Deus como autor dos textos bíblicos, pois sublinha que Ele o *ditou*. Perspectiva que também será afirmada no protestantismo, pois Ele origina e fundamenta o princípio da *Sola Scriptura*. A teologia cristã acentua a *verbalização da revelação* e sua dimensão transcendente e vertical (de cima para baixo); perspectiva que será questionada pelo Iluminismo. Tanto a teologia católica quanto a emergente teologia protestante sofrem grandes embates e mesmo transformações provocadas pelas descobertas e críticas da ciência moderna. Há forte polaridade entre as concepções tradicional e moderna. “Ortodoxia e Deísmo foram as duas figuras mais nítidas nesse sentido. Aquela, com a verbalização total da revelação, fixada na letra da Escritura [...] Este, com uma exclusão total em nome da razão [...]”¹⁹ A transcendência e a imanência da revelação forjarão a polaridade do debate teológico moderno.

¹⁷ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, p. 449.

¹⁸ H. DEZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 395, n. 1501.

¹⁹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, p. 82.

Ao participar desta querela teológica, Queiruga recupera o termo *maiêutica* da tradição socrática – processo pelo qual o interlocutor *dava à luz* ao que estava em seu interior –, e o introduz à discussão teológica. A revelação será compreendida como *maiêutica histórica*. Entretanto, propiciará dinamicidade ao conceito de maiêutica. Neste sentido, a “revelação significa descobrir o próprio-ser-a-partir-de-Deus-no-mundo; ou seja, descobrir que à definição do próprio pertence seu ser-criado, seu estar fundado e agraciado por Deus que nele se manifesta para orientar e salvar”.²⁰ Possibilita que o ser humano releia sua história a partir de uma lógica dinâmica.

O que faz a maiêutica é explicar o caráter intrínseco – não heterônomo – do esforço da subjetividade humana por realizar-se autenticamente, reconhecendo e prolongando em si mesma a ação criadora de Deus. Pois o processo maiêutico, exatamente porque se apoia na ‘descoberta’ do já se é a partir de Deus, não é algo estático, que remete a um passado perfeito ou deixe as coisas como estavam [...] por isso age como consciência concreta, convicção vital e chamada à conversão, ou seja, à transformação radical e realização plena da vida.²¹

Revelação como *maiêutica histórica* expressa a possibilidade do ser humano e/ou a comunidade crente dar à luz a presença amorosa de Deus ao longo da história, favorece *cair na conta* que Deus sempre esteve e está acompanhando a sua criação. Deus está *desde sempre* como *puro Amor em ato* se dando a conhecer a todas as pessoas, culturas e religiões, sem restrições. Este *cair na conta* possibilita que o ser humano (pessoa, cultura, religião) releia a sua história (com ou sem mediação) e concretize a *hermenêutica do amor*, ou seja, possibilita que o ser humano descubra Deus em sua história como presença amorosa e que está criando estratégias para poder chegar a todas as pessoas e povos com seu amor.²² “A revelação não é algo que constitua automaticamente uma verdade, sem antes transformar a vida histórica do ser humano”.²³ A ação de Deus é, portanto, desde dentro, desde a historicidade humana. Entretanto, se Deus é Amor Infinito por que existe o mal e Ele como o permite?

²⁰ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, p. 123

²¹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, p. 125-126.

²² A concepção *hermenêutica do amor* está desenvolvida em: PANASIEWICZ, R. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Belo Horizonte: Com Arte/Face-Fumec, 1999, p. 91-96.

²³ A. M. L. SOARES, *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*, p. 156.

3. A presença inquietante do mal

O tema do mal perpassa a história da humanidade e continua a desafiar a racionalidade contemporânea, seja do ponto de vista fenomenológico seja do ponto de vista epistemológico. Queiruga, a partir de seu horizonte de reflexão – teologia cristã –, enfrenta este desafio de forma criativa. A partir da lógica do *puro Amor em ato*, retoma o dilema proposto por Epicuro (341-271 AEC).²⁴ Diz o dilema:

Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não quer tirar; ou não pode nem quer; ou pode e quer. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, não é o Deus bom e, além do mais, é impotente; se pode e quer – e isto é o mais seguro –, então, de onde vem o mal real e por que não o elimina?²⁵

Queiruga resume o dilema dizendo que *ou Deus quer evitar o mal e não pode, então não é onipotente; ou se Deus pode e não quer, então não é bom*. Desafiado por ele, pontuará que a compreensão do mal no cosmos e, sobretudo, na humanidade encontra-se na reflexão sobre a *finitude*. “O mal é uma manifestação necessária da limitação e da contradição do finito”.²⁶ Deus, ao conceber um mundo, não tem como fazê-lo a não ser de forma finita e, portanto, equivale a assumir a presença do mal. Somente a infinitude está além das contradições e, dessa forma, consegue excluir a possibilidade do mal. Esta é a “estrutura radical, a essência íntima do finito”.²⁷ Por isso, toda e qualquer criação traz consigo esta realidade: o mal. Não há como Deus criar e manter o mundo sem mal. Neste sentido, podemos dizer que o mal faz parte da *estrutura criacionista*. Para suprimir sua presença no mundo, Deus teria que renunciar à criação. Assim, “dizer que Deus quer e não pode abolir o mal é como dizer que Deus quer, mas não pode fazer um círculo quadrado”.²⁸ Antes de ser um problema de impotência divina, isso diz respeito à contradição da mente e da linguagem humanas que, para ser uma figura, tem de renunciar a ser outra. Acompanha a finitude do mundo vários desajustes. No *nível físico*, o planeta Terra apresenta inúmeras catástrofes. No *nível da vida*, minerais, plantas e animais uns vivem às custas dos outros. No *nível humano*, a finitude é fonte de dor, pois emergem as incapacidades e as perdas. No *nível moral*, a liberdade provoca, muitas vezes, tragédias irreparáveis.²⁹

²⁴ AEC – Antes da Era Comum.

²⁵ A. T. QUEIRUGA, *Creio em Deus pai*: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano, p. 118.

²⁶ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 94.

²⁷ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 97.

²⁸ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 91.

²⁹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 95.

Entretanto, se Deus não quer o mal, nem é a sua causa, como o permite? E, ao permitir, Deus não estaria sendo conivente com o mal? Ao respondê-las, Queiruga retoma sua intuição e muda o horizonte de percepção do dilema. Para ele, não cabe nenhum tipo de teleologia ou finalidade para o mal. Essas *razões* implicam um outro dilema: criar ou não criar. Este é o problema, pois, ao criar, Ele sabia da presença do mal, inerente à finitude da criação. Mesmo assim, Deus cria. Isso elucida que a “negatividade do mal está envolvida pela positividade do mundo, que, no *final das contas*, torna-se capaz de se realizar; que, *de um modo ou de outro*, pode afirmar o seu sentido e defender-se contra o absurdo”.³⁰ Por isso, *a priori*, pode-se dizer que o mundo tem uma justificação, e que sua criação tem sentido e supera a existência do mal, pois o mundo está envolvido pelo amor divino.

O problema encontra-se não no permitir ou não o mal, mas no dilema criar ou não criar, pois o “criar implica, por necessidade absoluta, a presença do mal”.³¹ Deus não pode criar-se a si mesmo e, assim, criar um mundo infinito. Ao decidir criar, emerge, por condição da criatura, a limitação. E ainda mais, ao criar um ser com liberdade, esse limite pode acentuar-se, por meio do seu exercício. Deus cria tendo em vista a realização máxima da criatura, buscando sempre o bem de todos: “Deus está do lado da criatura e contra o mal”.³² Queiruga constata que essa afirmação constitui uma *revolução copernicana* no problema do mal. Se o ser humano a compreendesse, mudaria sua postura ante Deus, o sofrimento e a interpretação bíblica. É saber que Deus *não quer nem permite* o mal, mas sofre com nosso mal.³³ Deus está com o ser humano na frustração ou na impotência, assim como no desejo e no esforço por superá-las.³⁴ Deus sofre com o sofrimento das pessoas e se alegra com suas conquistas.

Queiruga chama a atenção para o Primeiro Testamento e analisa o cerne da história de Israel, que foi a experiência de libertação do Egito. Deus é concebido como *libertador*, aquele “que se coloca do lado do sofrimento do homem e contra o mal que o oprime e limita”.³⁵ Na experiência testemunhada no Primeiro Testamento, *Iahweh* é percebido como Aquele que está do lado da luz e não quer o mal: “o mal está do outro lado, nas trevas, contra o homem e contra Deus”.³⁶

A experiência testemunhada no Segundo Testamento mostra a identificação de Deus com a dor humana; ao se encarnar na pessoa de Jesus Cristo, assume a

³⁰ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 111.

³¹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p.110.

³² A. T. QUEIRUGA, *Creio em Deus pai*: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano, p. 138.

³³ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 137.

³⁴ *Ibid*, p. 139; A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora, p. 96

³⁵ A. T. QUEIRUGA, *Creio em Deus pai*: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano, p. 139.

³⁶ A. T. QUEIRUGA, *Creio em Deus pai*: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano, p. 142.

finitude humana e fica submetido às limitações do mal. Esta *identificação solidária* não é só para consolo espiritual, mas uma forma real e concreta de expressar que Deus, em Jesus, está “ao lado do ser humano ante o mal”.³⁷ A vida de Jesus expressou sua oposição à força do mal e sua presença “liberta o homem tanto da miséria radical que o oprime – o pecado – como de suas consequências – a enfermidade, a fome, o desprezo”. Queiruga segue esta reflexão, ressaltando que a missão de Jesus consiste em “trazer-nos a ‘boa notícia’ – *Eu-an-gelion* – de que Deus está presente, com seu amor e seu poder, para salvar a todos”.³⁸ E essa salvação é, realmente, para todos, sem exceção; e, pela lógica evangélica começa pelos empobrecidos – *anawim* –, os que estão excluídos de bens – econômicos e religiosos –, de cultura, e os que não podem defender os seus próprios direitos. Anuncia o Reino para todas e todos e opera sinais para mostrar que sua realização já começou, ficando a plenitude para a vida escatológica.

Jesus, enquanto encarnado na história humana, está implicado na realidade do mal, mas “menos no pecado”. (Hb 4,15). Abrir mão da “visão beatífica” (Fl 2,6) não significa deixar de ser Deus, mas compreender que “sua união com o Pai, única e inefável, foi sendo descoberta em sua consciência e manifestando-se em sua missão por meio de um processo autenticamente humano”.³⁹ Isso implica assumir a humanidade de maneira total, de forma que o Pai não pode livrar seu Filho da finitude. “Ou o Filho não se encarna, ou, caso se encarne, terá de fazê-lo nas condições concretas da finitude, por terríveis que lhe possam ser”.⁴⁰ Do contrário, seria entrar em contradição com a estrutura da criação. No entanto, o “mal não detém a última palavra; que muito mais além da ‘tristeza da finitude’, espera-nos a felicidade infinita do projeto de Deus sobre nós”.⁴¹ Queiruga afirma que Deus é por excelência Antimal e está sempre do lado humano contra o mal, pois o afeta em seu amor. “Deus não ‘planeja’ ou ‘permite’ a cruz, mas a ‘suporta’: como Jesus, o Pai não quer essa morte, mas a ‘suporta’ como algo inevitável, acompanhando-o e apoiando-o com todo o seu amor para que não traia a sua missão. Deus não quer a cruz *para* a salvação, mas quer a salvação *apesar* da cruz”.⁴²

Estas palavras não se referem a um trocadilho, mas a lógica cristã para a qual o ser humano foi criado. Se o mal atinge a Jesus como ao ser humano, o mesmo ocorre com sua ressurreição. A solidariedade do destino humano de Jesus se realiza tanto no sofrimento da cruz quanto na alegria da ressurreição. Portanto,

³⁷ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 123.

³⁸ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 126.

³⁹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 75.

⁴⁰ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 131.

⁴¹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 134.

⁴² A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura, p. 226.

a ressurreição corresponde ao sim de Deus Pai à vida de seu Filho e n'Ele todo ser humano também é convidado a participar. No destino de Jesus de Nazaré todo o cosmos ganha vida nova.

O amor de Deus é a razão de ser da criação e a última palavra ante a finitude. Por isso, o Amor – como infinitude criativa e fecunda – supera e transcende o mal – resultado da finitude da criação. Deus está ao lado do ser humano, convidando-o e impulsionando-o – por expressão de amor e no respeito à liberdade humana – à realização plena e à felicidade total. Se criação e salvação se interpenetram, como entender a especificidade do sentido de salvação?

4. A salvação como epifania do amor

A compreensão de salvação deriva da percepção que Queiruga tem da revelação de Deus como *maïeutica histórica*. Afirma que “se Deus é amor e se Deus é a origem, intuimos que o amor seja, portanto, a essência da realidade, a última palavra da compreensão, o critério definitivo do juízo”.⁴³ Aqui está a compreensão para a vida, pois a origem da criação e o motivo da salvação derivam do amor.

Esse mistério do amor infinito que perpassa a criação e convida toda pessoa à salvação desafia as religiões e a compreensão dos crentes. Como criação e salvação, soteriologia e escatologia interagem e transformam-se em um presente divino à liberdade humana? O núcleo central da salvação está fundamentado na absoluta iniciativa do amor de Deus, pois a “salvação que [o humano] já tem, mas que só pode florescer na responsabilidade de sua resposta”.⁴⁴ Para Queiruga, na infinitude do amor, Deus, que está *sempre presente*, cria toda criatura e, desde então, chama o humano, a partir de sua realidade, a participar de sua intimidade. Ele já possui a condição de *salvo*; a concretização, parcial (plano imanente) e total (plano transcendente), será assumida (ou não) por sua liberdade. A fé, aqui, longe de ser uma via para a alienação, “significa a máxima realização do conhecimento, precisamente no nível mais denso e profundo da realidade: o nível transcendente da pessoa”.⁴⁵

A revelação possibilita compreender que o amor infinito de Deus quer se fazer cada vez mais concreto e palpável na história dos seres humanos. O que é dado gratuitamente por Deus ao ser humano, somente sua liberdade pode converter em vida e felicidade para si mesmo. Desta forma, “Deus entra na vida do ser humano como salvação, e unicamente como salvação”.⁴⁶ Isto implica que todo ser humano

⁴³A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 27.

⁴⁴A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 48.

⁴⁵A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 68.

⁴⁶A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 76. Mais a frente, afirma que a salvação significa um “estado em que o mal desaparecerá completamente”. (p. 149).

se sinta *salvo*. A salvação é a aceitação – da parte do humano – da graça infinita da vida dada gratuitamente por Deus. Entretanto, o ser humano, no exercício de sua liberdade, pode não aceitar. “Deus cria por amor e para a salvação: o inferno – seja o que for – é a não-realização e a frustração desse propósito; é, portanto, algo que ‘dói’ para Deus como o *mal último* de suas criaturas e, por isso, algo que não pode evitar”.⁴⁷ Isto não significa impotência divina, mas preservação do exercício da liberdade humana. O juízo final não é a “confissão no ‘Senhor, Senhor’, mas a construção da autêntica humanidade, mediante o amor e o serviço, este constitui o critério definitivo”.⁴⁸ Não implica uma dicotomia entre fé e conquistas humanas, mas a plena articulação em favor da vida. Por isso, não é possível saber o que significa a condenação, pois a graça e a misericórdia divinas transcendem a criteriologia e a finitude humanas. A salvação é libertação progressiva e conquista histórica.

Nesta perspectiva, a salvação cristã não nega o sofrimento, mas assume-o e transcende-o “porque sabe que este já tem a raiz de seu poder cortada fora, por estar já vencido e envolto na força superior de uma salvação atuante”.⁴⁹ A presença do amor que precede, envolve e convida todo humano a usufruir da intimidade divina. Esta realidade fortalece o ser humano para se engajar na construção de um mundo com menos sofrimento e mais justiça. A salvação deve ser compreendida como realização histórica de Deus que cria por amor, torna o ser humano co-criador para a defesa da vida em todo ambiente que ela estiver sendo ameaçada. E o diálogo entre as religiões pode fortalecer as identidades e favorecer a justiça social?

5. Os desafios do diálogo inter-religioso

Ao afirmar a presença amorosa e salvadora de Deus na história humana e ao mostrar que há uma articulação entre criação, revelação e salvação, Queiruga constata que a salvação ocorre em toda experiência de revelação e de *co-criação*. Isso já abre perspectivas ao diálogo inter-religioso, pois favorece um encontro de igualdade entre as religiões (criação, revelação e salvação ocorrem na história). Todas as religiões são reveladas na medida em que o seu ser consiste em reconhecer e acolher a presença divina, reveladora-salvadora. Da parte de Deus, não há distinção de pessoas, culturas ou religiões, pois Ele se revela de maneira total a todas. Da parte do ser humano os limites são advindos da finitude e da historicidade. “Partimos da afirmação de que todas as religiões – enquanto modos específicos de acolhida e configuração comunitária da universal presença salvífica de Deus – são

⁴⁷ A. T. QUEIRUGA, *Un Dios para hoy*, p. 48.

⁴⁸ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 78.

⁴⁹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 204.

verdadeiras, o diálogo brota por si mesmo”.⁵⁰ *Vistas desde Deus*, todas as religiões são chamadas e atraídas com idêntico amor, unidas pela busca da mesma meta. *Vistas desde as religiões*, nenhuma pode esgotar a riqueza do oferecido e que o revelado pertence por igual a todas. O encontro entre as religiões favorece a partilha de *rostos* diferentes de Deus.

Ao partir da concepção de que Deus cria por amor e que a criação está envolta em seu amor – inclusive o mal, como expressão da finitude da criação –, Ele não pode impor uma realidade ao ser humano que não seja fruto de sua própria historicidade. Isto, por dois motivos. Primeiro, por ser coerente com o estatuto, histórico e livre, de sua criação. E, em segundo lugar, para que o humano possa compreender. Ele quer chegar com seu amor e sua salvação a todos, quer que o humano atinja a “*infinetização* da criatura”,⁵¹ ou seja, o fim da tristeza da limitação e da finitude.

Essa comunhão que Deus deseja que seja vivida de maneira plena por todos os humanos, na intimidade de sua divindade, já pode ser experienciada, de forma limitada, mas real, pelas tradições religiosas e, sobretudo, entre as tradições, no diálogo inter-religioso. Essas realizações históricas de encontro na busca por mais humanidade, na partilha teológica e na experiência de oração servem como amostra e, ao mesmo tempo, como preparação, de forma ainda finita, do que será a comunhão, plena e definitiva, da salvação proposta por Deus. Aí Deus será “tudo em todos” (1 Cor 15,28) e o humano, elevado à realização da potência máxima de sua humanidade.

Essa partilha dialógica fará as tradições mergulharem de forma transreligiosa no mistério do sentido da criação e da salvação proposto por Deus.⁵² Cada tradição tem a oportunidade de dar o seu testemunho, ao mesmo tempo em que escuta o dos outros. O cristianismo, de modo particular, tem a oportunidade de explicitar a sua compreensão, assimilada pela encarnação e revelação de Jesus Cristo. Nem impor, nem excluir, nem desrespeitar o processo histórico de cada tradição, mas garantir que as experiências sejam partilhadas e respeitadas nas diferenças e com a especificidade que cabe a cada religião e a cada cultura, pois sabe que Deus está fazendo todo o possível para ser descoberto, em *máxima medida*, por todos. O amor de Deus quer propiciar, para além do não-saber humano, fechado

⁵⁰ A. T. QUEIRUGA, *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões*, p. 139.

⁵¹ A. T. QUEIRUGA, *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 216.

⁵² A discussão da perspectiva transreligiosa pode ser aprofundada em: PANASIEWICZ, R.; ARAGÃO, G. Novas fronteiras do pluralismo religioso: apontamentos sobre o pós-religional e o transreligioso. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1841-1869, out.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1841/9033>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

em sua finitude, uma compreensão do seu mistério assentado na certeza de sua autocomunicação, sem, com isso, querer separar razão e fé, mas, antes, unir para possibilitar maiores ganhos.

Numa perspectiva cristã, o diálogo inter-religioso quer ser, assim, um prelúdio, de forma histórica, portanto, finita e limitada, de como será na *comunhão cósmica*. A salvação, como experiência histórica e em sua dinâmica de realização, não deixa de ter um caráter missionário. O diálogo inter-religioso é uma maneira explícita de realizar essa missão. Na partilha das experiências, as religiões – e a partir delas, a humanidade como um todo – têm a ganhar com esse encontro, pois, juntas, conseguem reduzir os limites da recepção humana ante o absoluto da comunicação divina. Sabendo que esta se realiza, no dizer de Queiruga, “na polifonia do mundo, seria pretensão ingênua, para não dizer soberba blasfema, pensar que está plenamente realizada no cristianismo”.⁵³ E continua afirmando que “há aspectos que somente *a partir de fora* de sua configuração concreta lhe podem chegar e que, justamente por fidelidade ao Deus seu e de todos, deve estar disposto a acolher”. Em sua concepção, a *abertura* é uma exigência salvífica para todas as religiões, sem exceção. O outro estimula e propicia novas descobertas do Mistério que as envolve e as transcende.

No esforço de estimular o diálogo com as religiões e estabelecer a identidade cristã, Queiruga propõe novas categorias teológicas.⁵⁴ Propõe a *inreligioneação* como modo integral de encontro. É uma forma de superar a chamada ‘inculturação’ que compreendia que a cultura seria própria de cada povo, mas a revelação só viria da Bíblia. O diálogo não ocorreria entre religião e religião, mas entre religião e cultura. A tarefa missionária seria *semear* a revelação bíblica para que germinasse na terra de cada cultura. Seria recuperar a cultura, mas *substituir* a religião. A *inreligioneação* visa respeitar a cultura e a religião, pois, ao compartilhar valores culturais, trocam-se também valores religiosos.⁵⁵

A categoria *pluralismo assimétrico* em Queiruga emerge da concepção de historicidade. Quer fazer justiça ao caráter salvífico de toda religião, afirmando que todas as religiões são verdadeiras e que, por parte de Deus, não há aceção de pessoas nem privilégio de religiões. Entretanto, há inevitáveis limitações da *acolhida humana*, proporcionando diferenças assimétricas na configuração da Presença comum a todos. E, por fim, a categoria *teocentrismo cristológico* como culminação

⁵³ A. T. QUEIRUGA, *Un Dios para hoy*, p. 66.

⁵⁴ As categorias são descritas em vários dos escritos de Queiruga: *Repensar a revelação* (2010); *Autocompreensão cristã* (2007); *Do terror de Isaac ao abbá de Jesus* (2001).

⁵⁵ Afonso Soares faz ampla pesquisa sobre o termo inculturação e sua diferença com o termo sincretismo. Ver: A. L. SOARES, *Interfaces da revelação*, p. 71-91.

solidária e aberta a todos. No acontecimento crístico, a revelação divina alcança na história a meta definitiva e insuperável. A revelação de Deus descoberta e acolhida como amor infinito e perdão incondicional convoca a uma vida humana de amor e de serviço. Esta especificidade cristã não nega o que de igual ou parecido se tem descoberto nas demais religiões. Pretende que cada tradição partilhe sua apreensão do Mistério transcendente.

O diálogo inter-religioso deve favorecer a compreensão da universalidade da revelação de Deus enquanto *puro Amor em ato* e salientar seu amor criador e salvador de Deus.

O que virá nas próximas décadas pode significar uma nova aliança entre religião e ciência, entre teologia e ciência da religião. Realidades como as vivências espirituais sincréticas estão literalmente rompendo diques e tornando porosas fronteiras onde pode estar nascendo uma nova possibilidade de nos reeducarmos como seres humanos.⁵⁶

As conquistas do diálogo inter-religioso podem incentivar transformações sociais, fortalecer as identidades religiosas e promover o cuidado da vida humana e planetária.

Conclusão

Compreender a identidade cristã a partir da reflexão teológica proposta por Queiruga significa colocar em constante diálogo os temas da criação, da revelação e da salvação, pois se interpenetram a partir do entendimento de Deus como *puro Amor em ato*. A ação deste Amor, que foge as categorias imanentes de tempo e história, cria o cosmos, o sustenta e o anima desde o plano transcendental e torna o ser humano corresponsável para o cuidado planetário. Deus sustenta o cosmos e deixa à liberdade humana a missão de fazer acontecer às potencialidades que sua racionalidade, intelectual e emocional, alcançarem em prol da vida planetária.

A infinitude do amor divino abraça toda a criação e *pressiona*, no exato limite da liberdade, a consciência humana para que conheça e dê à luz à sua presença amorosa. Deus participa da história e da vida humana propiciando sua realização. Os limites não estão em Deus, mas na maneira como as pessoas, as culturas e as religiões acolhem ou não seus fluídos de vida. A revelação divina torna possível o ser humano sentir sua presença salvífica. E o Amor deve perpassar as relações humanas e institucionais favorecendo a construção de projetos que viabilizem um mundo justo.

⁵⁶A. M. L. SOARES, *O diálogo inter-religioso*, p. 167.

O incentivo à construção de diálogos inter-religiosos se deve à busca do fortalecimento de cada identidade específica e da construção de projetos que viabilizem a justiça social. O compromisso das instituições religiosas, em parceria com as instituições sociais e educacionais e com órgãos políticos, possibilita a efetivação de projetos que edifiquem a cultura de paz, a responsabilidade social, a visão de sustentabilidade e o cuidado planetário. O diálogo inter-religioso pode reunir as diferentes expressões religiosas e espirituais em vista de projetos que eduquem para com o respeito à diferença, à liberdade e à justiça equitativa.

Referências bibliográficas

- DEZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.
- GESCHÉ, A. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PANASIEWICZ, R. Teologia da criação: uma leitura da relação entre criador e criaturas. In: OLIVEIRA, P. A. R.; SOUZA, J. C. A. *Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas/Puc Minas, 2009.
- PANASIEWICZ, R.; ARAGÃO, G. Novas fronteiras do pluralismo religioso: apontamentos sobre o pós-religional e o transreligioso. In: Revista *Horizonte*, v. 13, n. 40, p. 1841-1869, out.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1841/9033>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- PANASIEWICZ, R. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Belo Horizonte: Com Arte/Face-Fumec, 1999.
- QUEIRUGA, A. T. *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. *Creio em Deus pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____. *Do terror de Isaac ao abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- _____. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999b.
- _____. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 1999a.
- _____. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. *Un Dios para hoy*. Santander: Sal Terrae, 1997.
- SOARES, A. M. L. *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.

- _____. O diálogo inter-religioso: a contribuição de Torres Queiruga. In: CAAMAÑO, X. M; CASTELAO, P. *Repensar a teologia, recuperar o cristianismo*: homenaxe a Andrés Torres Queiruga. Madrid: Fundación Isla Couto e Editorial Galaxia, 2012.
- SUCHOCKI, M. H. Teologia do processo e evolução. *Concilium*, Petrópolis, v. 284, n. 1, 2000.
- TOLDY, T. O problema do mal: contraponto imaginário entre Andrés Torres Quieruga e Elie Wiesel. In: CAAMAÑO, X. M; CASTELAO, P. *Repensar a teologia, recuperar o cristianismo*: homenaxe a Andrés Torres Queiruga. Madrid: Fundación Isla Couto e Editorial Galaxia, 2012.

Aprovado: 10/04/2016

Recebido: 13/04/2016